

25 DEZ 2008

JORNAL DO BRASIL

# 2009, crise e oportunidade



**José  
Dirceu**  
EX-MINISTRO  
CHEFE DA CASA  
CIVIL

2008 vai se encerrando com o governo na ofensiva, tomando medidas para enfrentar a desaceleração da economia no primeiro trimestre de 2009. Já sabemos que as contas externas e a balança comercial, apesar da queda de 4%, estão sob controle e que o país deve receber este ano US\$ 40 bilhões de investimentos diretos externos.

Segundo as previsões, em 2009 haverá investimentos suficientes para enfrentar um déficit na balança de contas correntes de US\$ 25 bilhões, frente aos US\$ 29,6 bilhões deste ano. Nossa superávit comercial, de US\$ 23,5 bilhões, deve cair para US\$ 14 bilhões no ano que vem. E continuamos com problemas para rolar as dívidas das empresas brasileiras no exterior: só 22% do

total foram renegociados.

O bom é que a fuga de capitais já arrefeceu. De US\$ 6 bilhões em outubro, caiu para US\$ 1,8 bilhão no mês passado. Agora, é manter o caminho das medidas pró-investimento e torcer para contar com os recursos do Fundo Soberano, que a oposição não aprovou no Senado, dentro da sua velha, batida e conhecida tática do quanto pior, melhor. O governo anunciou imposto zero para a importação de máquinas e mais R\$ 5 bilhões do FGTS, bancados com recursos do FAT, para obras em portos, ferrovias e hidrelétricas, beneficiando, principalmente, o porto de Santos, a Usina Santo Antônio (RO) e a malha ferroviária da ALL. Este ano, o FGTS já financiou R\$ 39 bilhões nos setores do saneamento, habitação e infra-estrutura urbana e econômica.

O presidente Lula deixou claro que o governo vai garantir os investimentos dos setores mais afetados pela crise – construção civil, agricultura e setor

automobilístico, com atenção às micro e pequenas empresas. Neste último realmente reside o perigo, pela total falta de capital de giro e pelo elevado custo do dinheiro, quando existe.

Uma boa notícia para encerrar o ano: a queda do índice IPCA-15 e a previsão de uma inflação de 5,9% para 2008. Agora, só falta o Banco Central baixar a taxa Selic e o sistema bancário, o spread – sem isso, o Brasil continuará prisioneiro de si mesmo. É preciso que o país aproveite a crise para fazer reformas estruturais, como fez no passado na década de 30, criando, na esteira da crise de 29, as bases do Estado e da industrialização. Precisamos superar o modelo de política monetária e fiscal herdado do passado, do capitalismo financeiro que está em crise, rompendo de vez com os interesses do rentismo e reformando nosso sistema bancário.

Para sustentar o crescimento temos que aumentar a participação do trabalho na renda

nacional, aumentar o salário mínimo, sustentar os programas sociais, ampliar os investimentos em infra-estrutura e na agricultura, particularmente na família, manter as exportações. Mas é preciso dar um salto de qualidade na estrutura de produção do país, aprofundando a revolução energética e biotecnológica que co-

## O governo vai garantir os investimentos dos setores mais afetados pela crise

meçamos com o etanol e os biocombustíveis, avançando nas áreas da bioquímica, da biodiversidade na agricultura e na indústria farmacêutica. Temos ainda que superar nosso atraso na Tecnologia da Informação e nas áreas nuclear e espacial.

O Brasil deve manter sua base

exportadora de commodities e semi-manufaturados, mas tendo consciência de suas limitações em nível interno, baixo índice agregado. O país precisa se capacitar para exportar cada vez mais capitais, tecnologia e serviços. Essa mudança de paradigma exige um salto que já iniciamos na educação e inovação, e que não será realizado sem recursos, já escassos, para as demandas sociais e da infra-estrutura e sociais, e sem uma mudança na distribuição da renda nacional.

Esse é o verdadeiro desafio do país – tornar viáveis as medidas que evitem a recessão. E ele passa longe da flexibilização dos direitos e relações do trabalho como pregam alguns, diminuindo ainda mais a participação do trabalho na renda nacional, reduzindo o consumo e a demanda, paralisando a retomada do nosso mercado interno, única saída para o crescimento nos próximos anos.